

Realismo e Neo-realismo: o romance da decadência no Brasil e em Portugal

Edvaldo A. Bergamoⁱ (UFG)

RESUMO: *O trabalho é um estudo comparativo de três romances pertencentes ao macrossistema das literaturas em língua portuguesa que enfocam o tema da decadência, sob o prisma da derrocada econômica e do desequilíbrio social que geram transtornos e desacertos às personagens principais, numa representação realista dos conflitos filtrados por uma voz narrativa, cuja perspectiva é eminentemente crítica.*

Palavras-chave: romance; decadência; realismo.

O tema da decadência freqüente, há muito tempo, as páginas da História, da Filosofia e da Literatura. Trata-se de um sintoma de desagregação, de destruição ou de declínio de uma época, representada por valores ideológicos inadequados e por uma estrutura econômica anacrônica, embora ainda sejam defendidos por uma determinada classe social agonizante. O testemunho de Antonio Candido, referindo-se ao caso brasileiro, é muito revelador sobre este tema na nossa tradição literária:

Sempre me intrigou o fato de um país novo como o Brasil, e num século como o nosso, a ficção, a poesia, o teatro produzirem a maioria das obras de valor no tema da decadência – social, familiar, pessoal. Assim vemos em Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Ciro dos Anjos, Lúcio Cardoso, Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade. Cheguei a pensar que este “estigma” [...] seria quase requisito para produzir obras valiosas, e que portanto os rebentos das famílias mais velhas estariam no caso em situação favorável (CANDIDO, 1979, p. xii).

O final do século XIX e início do século XX são caracterizados por profundas mudanças no âmbito político, social e econômico, em escala global. Nesse acelerado momento de metamorfose da sociedade, fortalece-se uma classe absolutamente hegemônica, a burguesia, solapando os últimos privilégios de uma aristocracia ainda arraigada a um mundo anacrônico, em que predomina a idolatria do passado por oposição a um presente desairoso. Referindo-se às personagens de José Lins do Rego, numa abordagem coextensiva às obras em foco, Antonio Candido afirma:

Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto (CANDIDO, 1992, p. 61).

Na novelística de língua portuguesa, o tema da decadência converteu-se num modelo romanesco privilegiado para retratar simbolicamente as transformações sociais e econômicas e suas inevitáveis conseqüências, ocorridas com o processo de modernização capitalista em países periféricos como Brasil e Portugal, ocasionando a circulação de um repertório literário comum, o tema da decadência, devido à “reversibilidade de experiências” (CANDIDO, 1989, p. 152) e a dinâmica cultural e

intertextual que caracterizam o macrosistema das literaturas de língua portuguesa (ABDALA, 1989).

O tema da decadência aparece ostensivamente em pelo menos três romances pertencentes à tradição realista: *A ilustre casa de Ramires* (1900), de Eça de Queirós, *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego e *Casa na duna* (1943), de Carlos de Oliveira.

No romance do português Eça de Queirós o protagonista é Gonçalo Mendes Ramires, protótipo do aristocrata decadente, que acredita na salvação da Pátria, apelando ao heróico passado histórico português. Trata-se de um fidalgo arruinado que cultivava, através da herança familiar, um universo de crenças totalmente despropositadas em comparação com a acelerada transformação por que passava a sociedade europeia. Embora reverencie os ideais cavalheirescos, não procede da mesma forma em sua vida cotidiana, pautada pela humilhação e capitulação. Como aristocrata, apesar de decadente, do mesmo modo que a Pátria, Gonçalo Ramires insiste em manter-se atrelado ao mundo oficial da política, das letras, na tentativa de perpetuar-se na condição de digno herdeiro de uma classe social que se considerava responsável pelos destinos altaneiros do país. O último dos Ramires é, de fato, o defensor de um tradicionalismo classista, que se revela principalmente com o afloramento de um nacionalismo alienante, explorado na narrativa de maneira a demonstrar o anacronismo das intenções patrióticas de Gonçalo, ao desejar restaurar um Portugal ultrapassado, como demonstram o projeto literário de sua narrativa histórica e o ímpeto pseudo-heróico que ostenta ao engajar-se numa expedição ao continente africano com fortes cores colonialistas. O crítico português João Medina é enfático:

Há neste romance uma crítica implícita ao gênero do romance histórico tal como ele fora entre nós cultivado, na esteira de Herculano. Eça mostrava sobretudo que o pretérito não passava afinal de ilusório e dúbio disfarce para os conflitos, interesses e personagens atuais, demasiado atuais (MEDINA, 1974, p. 90).

Vale ressaltar que o livro *A ilustre casa de Ramires* deixa em aberto uma questão importante configurada ao longo da narrativa: o renovado interesse pela África e a revalorização do ambiente rural significam um retorno ideológico do romancista aos valores tradicionais impulsionados por um nacionalismo renascido com os conflitos da política colonial (*Ultimatum*) ou significam um retrato crítico de uma aristocracia portuguesa arruinada que ainda resistia sofregamente aos reveses de uma decadência inevitável?

Posteriormente, durante a década de 40 do século XX, o tema da decadência é retomado num decantado viés político-social: ali, o problema da decadência, recuperado no período neo-realista, é determinante para a narrativa da substituição de um modelo econômico ultrapassado, de cariz semi-feudal, por um outro mais representativo da ofensiva capitalista e burguesa. Esse retrato das transformações sócio-econômicas e dos valores patriarcais encontrou ressonância no romance neo-realista brasileiro e português, reafirmando os vínculos ideológicos e estéticos entre as literaturas de ênfase social das duas margens do Atlântico.

O interesse pela representação das tensões sociais em voga, geradas com a crise econômica posterior a 1929, é a tônica do período, definida a partir de um alargamento de perspectivas sem precedentes, tanto na tentativa de retratar o quadro geral de uma sociedade em mudança (decadência da aristocracia rural), quanto no posicionamento de reivindicação de reformas sociais que incluíssem as massas trabalhadoras (formação do proletariado). Há uma confluência de atitudes empenhadas ideologicamente que

interagem no interior do macrossistema das literaturas de língua portuguesa. Sintomaticamente, o romance neo-realista brasileiro inverte, pela primeira vez, o vetor cultural e torna-se um paradigma para o romance neo-realista português, que como aqui, realiza uma similar pesquisa localista a qual resulta na denúncia de males nacionais, agravados com as conseqüências desastrosas do subdesenvolvimento. Na concepção do romance neo-realista, segundo Carlos Reis,

(...) à literatura cabe fundamentalmente uma missão desmistificadora de contradições de natureza socioeconômica, sobretudo concretizada pela possibilidade de, articulando-se com a história, reflectir essas realidades normalmente deprimentes (REIS, 1981, p. 16).

O tema da decadência reaparece em dois autores extremamente representativos da ficção neo-realista em língua portuguesa na década de 40: José Lins do Rego e Carlos de Oliveira.

Em José Lins do Rego, o tema da decadência é determinante em todos os planos do romance *Fogo morto*, obra síntese do “ciclo da cana-de-açúcar”: um conjunto de seis romances que narram a substituição de um modelo econômico ultrapassado, o engenho, por um outro mais representativo da ofensiva capitalista na região canavieira do Nordeste, a usina. A decadência do engenho é o emblema do fim de um período baseado no cultivo quase artesanal da cana e revestido de relações sociais comprometidas com valores patriarcais seculares.

O romance oferece, ainda, ao leitor, a história de seres fracassados: heróis “de decadência e de transição, tipos desorganizados pelo choque entre o passado e um presente divorciado do futuro” (CANDIDO, 1992, p. 61), por isso, inaptos para enfrentar os desafios de um mundo econômico regido pela concorrência e pela deslealdade, gerando, nesses indivíduos, um sentimento de inadequação e de dúvida existencial, que está em correlação com a iminente derrocada econômica. Comenta Antonio Candido sobre o referido romance:

Os indivíduos [...] se dispõem em planos, definidos segundo as suas relações sociais, e a sua ação é de certo modo fruto da interferência, do encontro e dos choques desses planos segundo os quais se organizam. Porque uma das forças dos livros do sr. José Lins do Rego é que eles assentam sempre sobre uma realidade social intensamente presente e agente, condicionando a circulação das pessoas e contribuindo para a análise diferencial que delas faz o romancista (CANDIDO, 1992, p. 62).

Um exemplo de confluência estético-ideológica entre brasileiros e portugueses, no período neo-realista, pode ser observado em um romance igualmente significativo como *Casa na duna*, de Carlos de Oliveira, que retoma o tema da decadência. Este livro narra a saga de ascensão e queda dos Paulos, um clã estabelecido na região da Gândara desde tempos imemoriais. O acúmulo das riquezas dessa família foi baseado na exploração dos trabalhadores e na anexação de terras de pequenos proprietários. Do esplendor advém a ruína com o último dos Paulos, Mariano, que luta para manter sua propriedade, mas é vencido principalmente por uma expansão capitalista que não perdoa os despreparados para o progresso industrial. A representação da decadência de uma burguesia provinciana e a denúncia dos matizes feudais do modelo econômico-social da região gandarense configuram o universo temático de que se apropria Carlos de Oliveira para a construção de seu romance, obra exemplar da escrita neo-realista, não apenas devido ao processo de reescritura por que passa em edições subseqüentes, só

comparável à qualidade dos livros de Graciliano Ramos. Conforme Terezinha de Jesus da Costa Val:

Em *Casa na duna*, a personagem que orienta toda a ação é a casa que Mariano Paulo personifica porque, (...) à volta do casarão, da quinta, transcorre a trama. Quando os interesses dos Paulos não se ligaram mais aos interesses do sistema social, foi a casa aniquilada. Os dois últimos remanescentes da família Paulo, pai e filho, não resolvem bem sua estrutura de vida – nenhum dos dois encontra solução para seus problemas pessoais porque, na verdade, estes problemas estão situados naquele plano mais amplo de raiz social e econômica, ligado a um determinado momento histórico de transição não individual mas coletiva. (COSTA VAL, 1999, pp. 69-70)

Essa equivalência literária e ideológica entre esses autores e suas obras pode ser compreendida à luz das ponderações de Maria Aparecida Santilli que dizem respeito à dinâmica intertextual e cultural que envolve as literaturas em língua portuguesa:

O processo de vasos comunicantes que a língua/cultura portuguesa deixou com mais ou menos desobstruções ao longo deste século, enquanto canais de fluxos literários, talvez ora seja um dos pertinentes caminhos de pesquisa, em torno das chamadas literaturas de “expressão portuguesa”. O rodízio de motivos se constituirá, quem sabe, uma das fórmulas de aferir entre elas, sobre o cruzamento de *gens* primitivo e adventício, o pressuposto de cada unidade, também respaldado por essas sucessivas transfusões que a circulação promove, costurando-as uma às outras, em sua diversidade. (SANTILLI, 1985, p. 8) Grifo da autora

Ao aproveitar o legado do realismo crítico, os autores neo-realistas brasileiros e portugueses reinterpretaram esse realismo sob a ótica das tensões sociais características do século XX, em que a consciência aguda das mazelas do subdesenvolvimento, agravadas em países periféricos como Brasil e Portugal, ganham destaque pela força desmistificadora que as obras adquirem, antecedendo-se à tomada de consciência subsequente do ensaísmo científico de orientação sociológica, econômica ou antropológica, no caso brasileiro, especificamente.

A valorização dessa temática da decadência demonstra, por parte dos romancistas mencionados acima, a tentativa de configurar ficcionalmente as transformações sociais, num esforço de apropriação da História, que conseqüentemente geraram mudanças nas relações de classe e nos meios de produção. A circulação do tema da decadência nas literaturas de língua portuguesa começa com Eça de Queirós, perpassa pela obra de José Lins do Rego e acaba retornando a Portugal com Carlos de Oliveira. A matriz do tema em língua portuguesa é eciana, salvo erro, mas torna-se um repertório literário comum no macrossistema das literaturas de língua portuguesa, posto que “os repertórios (...) podem ser atualizados nas mais diversas condições, inclusive por escritores bastante distanciados de quem originou a forma” (ABDALA JR., 2000, p. 115). Benjamin Abdala Junior, referindo-se ao realismo literário, tece um comentário pode ser estendido ao repertório do romance da decadência em língua portuguesa:

(...) uma cultura e sua literatura não podem se fechar em seus limites, pois tendem a ter uma concepção reduzida, limitada, de si mesmas. Ao contrário, o ideal é que se abram às outras sem se restringir ao papel unipolar de centro emissor. Foi o que ocorreu entre as literaturas do Brasil e de Portugal em relação ao realismo literário: mostram-se

como culturas abertas, que aceitam a circulação de repertórios alheios. As condições dessa circulação dependem do caráter do poder simbólico, como no caso estudado, em que a solidariedade comunitária transnacional se impôs por sobre as limitações político-sociais. Há sempre a necessidade de se considerar, nessas interações, onde o indivíduo, seja ele autor ou crítico, tem os seus pés e por onde circula a sua cabeça (ABDALA JR., 2000, p. 117).

Assim, as obras em questão, herdeiras de uma tradição realista que extrapola o macrossistema das literaturas em língua portuguesa, articulam de forma dialética, forma literária e processo social, demonstrando uma expressiva convergência de projetos romanescos, que é motivada por tensões sociais análogas e é representada por meio de soluções formais confluentes, numa tentativa, reconhecida no trabalho dos autores, de responder artisticamente aos dilemas vividos pela conjuntura histórica.

Referências bibliográficas

ABDALA JR, Benjamin. Eça de Queirós, o realismo e a circulação literária entre Portugal e Brasil. In: ABDALA JR, Benjamin (Org.). **Ecoss do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas**. São Paulo: Senac, 2000.

_____. **Literatura, história e política**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. 2 ed, São Paulo: Ática, 1989.

_____. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

COSTA VAL, Terezinha de Jesus da. Casa na duna, de Carlos de Oliveira, lugares. In: SILVEIRA, Jorge Fernandes da (Org.). **Escrever a casa portuguesa**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MEDINA, João. **Eça político**. Lisboa: Seara Nova, 1974.

OLIVEIRA, Carlos de. **Casa na duna**. Lisboa: Caminho, 1992.

QUEIRÓS, Eça de. **A ilustre casa de Ramires**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

RÊGO, José Lins. **Fogo morto**. 26 ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

REIS, Carlos (Org.). **Textos teóricos do neo-realismo português**. Lisboa: Seara Nova/Comunicação, 1981.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Africanidade**. São Paulo: Ática, 1985.

ⁱ **Edvaldo A. BERGAMO, Doutor em Letras.**

Universidade Federal de Goiás, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários.

bergamo@letras.ufg.br